

“Um passeio cultural pela ginástica”

EMEF Pedro Teixeira

Prof. Silvio Sipliano da Silva

No ano de 2008, mudei de unidade escolar em função do processo de remoção. Ao chegar na nova escola, comecei a mapeá-la, principalmente a cultura de Educação Física existente. Rapidamente, foi possível perceber uma prática pautada no desenvolvimento das modalidades esportivas, principalmente futebol e voleibol. Focalizei meus esforços no encontro pedagógico, trata-se do momento em que todos os professores da unidade escolar reúnem-se para discutir a elaboração do Projeto Pedagógico (documento que orienta as ações educativas na escola) para o ano letivo. Com base em uma plenária geral, congregando todos os professores das diferentes disciplinas que compõe o currículo, são delineados os pressupostos que vão orientar o Projeto Pedagógico da unidade e, em uma plenária menor, ocorrem as discussões em grupos separados por disciplina. A Educação Física também deve atuar nesta direção, considerando sua inserção no currículo escolar como componente obrigatório. Nesta ocasião, tentei uma aproximação da Educação Física com os demais componentes curriculares, tencionando um trabalho coletivo a partir dos documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação.

Para ilustrar o contexto do trabalho e melhorar as condições de leitura, cabe ressaltar que a proposta do município contribui para a reflexão e o debate sobre a necessidade de inserir todos os alunos da rede municipal em uma comunidade de leitores e escritores, desenvolvendo para isso as habilidades exigidas para o domínio da linguagem escrita, cabendo à Educação Física neste cenário, a leitura, a escrita e a interpretação do patrimônio cultural corporal.

Cabe ressaltar que, apesar da existência desse referencial, no momento do planejamento das ações didáticas, persistia o distanciamento dos pressupostos que poderiam nortear os trabalhos. O fato dos professores alegarem desconhecimento dos documentos oficiais, já denuncia uma questão bastante séria: a elaboração de um currículo oficial não se traduz em garantia de apropriação das suas intenções e meios. Muito menos,

garante a incorporação das concepções que congrega. Talvez isso ocorra em função da falta de participação dos docentes na discussão e elaboração da proposta.

Ao analisar preliminarmente esta situação, inferimos que é muito difícil a adoção de qualquer iniciativa curricular dentro destes parâmetros. Percebemos, também, que os efeitos são cruéis, particularmente com professores e alunos. Ou seja, num exercício de reflexão, vamos notando como as práticas instituídas vão formando as pessoas, fazendo com que elas não se permitam experimentar outras possibilidades, insistindo nas posturas e posições assumidas a priori, concebidas como naturais.

Na retomada e reconfiguração do Projeto Pedagógico já mencionado, o coletivo decidiu alinhar todos os componentes curriculares sob o tema “Ler e Escrever em todas as áreas”. Houve, ainda, a defesa da ampliação da participação da comunidade nas ações da escola em que isso fosse possível.

Seguindo estas questões e, ainda preocupados com a ampliação do mapeamento da Educação Física nesta escola, resolvemos que o primeiro contato presencial com os diferentes grupos teria que nos possibilitar entender quais eram as representações que estes alunos tinham a respeito das aulas de Educação Física e de suas especificidades. Para tanto, logo no primeiro contato lançamos a seguinte questão: O que é Educação Física para o grupo?

Esta indagação foi anotada na lousa (quadro negro) e assim que as contribuições dos alunos surgiam, eram anotadas como forma de registros para orientar novas discussões. Logo, o Arthur falou “Fazer exercícios físicos e ginástica”; em seguida veio a posição do João Carlos “Praticar esportes”; a Ana Paula contribuiu dizendo “Melhorar o relacionamento humano”; a Camila completou “Faz bem para a saúde”; o Luiz Paulo chamou atenção de todos para o fato de que “Desenvolve o corpo”; dentre outras falas, a Franciele finalizou dizendo que “São brincadeiras, lutas e jogos”.

Pudemos perceber na fala dos alunos uma influência muito forte das abordagens de Educação Física ligada à saúde, ao desenvolvimento das habilidades motoras e à visão globalizante (psicomotricidade), onde a Educação Física ora é vista de modo funcional, ora é empregada como meio para consolidar um projeto da sociedade neoliberal. As respostas, fizeram-nos, ainda, refletir a respeito das seguintes questões: a) como estas identidades

foram formadas? b) de que forma as aulas de Educação Física praticadas nesta escola contribuíram com a formação desta identidade de Educação Física? c) em quais lugares, fora a escola, os alunos acessam estas informações? d) de que forma nossas aulas poderão contribuir, problematizando as concepções de certa forma naturalizadas que os alunos possuem, com vistas a uma Educação Física mais crítica que parta da realidade social deles?

Diante das considerações dos alunos, percebemos que poderíamos sair do plano geral e especificar um pouco mais seus conhecimentos. Tencionando afinar a compreensão que os alunos tinham a respeito da Educação Física, lançamos a eles as seguintes categorias: brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esporte, esta atividade tencionava realizar um levantamento dos conhecimentos prévios que os alunos possuíam de cada uma das categorias relacionadas.

O procedimento foi o mesmo da questão inicial, ou seja, todas as categorias foram anotadas na lousa (quadro negro) e as falas dos alunos foram sendo, uma a uma, transcritas de acordo com cada categoria, conforme quadro abaixo.

Brincadeiras	Carrinho de rolimã, taco de rua, queimada, bolinha de gude, rouba-bandeira, pega-pega, esconde-esconde, duro ou mole, agacha fruta, mãe-da-mula, mãe-da-rua, piques no alto, boneca e boneco, carrinho, pular corda, skate, patinete, bicicleta e videogame, futebol de tampinha, ping-pong, elefante colorido, quebra-cabeças, cada macaco no seu galho.
Danças	Funk, axé, ballet, black, forró, sertanejo, samba, samba rock, pagode, lambada, eletrônico, psai, rague, discoteque, lenta, vaneirão, afro, hip-hop, valsa, bolero, capoeira.
Lutas	Judô, karatê, kung-fú, jiu-jitsu, taekendô, boxe, capoeira, vale-tudo, sumo, maitai.
Ginásticas	Ginástica artística, trampolim, musculação, dança, ballet, ioga, capoeira, acrobacias no circo, corrida, caminhada, alongamento, aquecimento pra jogar.

Esportes	Futebol, futsal, basquete, vôlei, natação, handebol, bung jump, asa delta, pára-quedas, fórmula 1, atletismo, ciclismo, skate, motociclismo, surf, boliche, basebol, tênis, tênis de mesa, futebol de mesa, xadrez, damas, biribol.
----------	---

A tabela acima nos faz questionar a máxima que diz que “para os alunos, Educação Física é futebol”. É possível observar que os alunos acessam outras coisas, seja na prática das manifestações culturais das quais eles participam em seus diferentes contextos, ou ainda, nas diferentes linguagens existentes na vida social contemporânea (televisão, rádio, Internet, jornal, amigos, clubes, associações de bairro, entre outros).

O trabalho de diagnóstico explicitado até o momento, sobretudo as conversas com os alunos, nos permitiu detectar um monopólio da prática esportiva (principalmente o futebol), a supremacia de práticas masculinas, ambas centradas no desenvolvimento e na habilidade motora. As atividades de mapeamento nos proporcionaram o reconhecimento de certas identidades dos alunos, falamos, sobretudo dos posicionamentos machistas, eurocentricos e monoculturais (esporte), que os alunos manifestavam sobre a prática da Educação Física na escola. Estes aspectos denunciavam um discurso dominante que favorecia o habilidoso no esporte, uma vez que outras práticas não eram trazidas para as aulas. Percebemos a existência de um currículo único, onde todos os alunos teriam que se integrar e se esforçar para melhorar de acordo com o paradigma esportivo. De acordo com o próprio relato dos alunos esta prática vinha ao longo do tempo fortalecendo cada vez mais os alunos e alunas que já chegavam na escola com um bom repertório para o desenvolvimento das práticas esportivas, ou seja, “a identidade” de Educação Física na escola, o dominante. Na mesma intensidade este currículo vinha fragilizando e excluindo das aulas, todos os que não compartilhavam previamente destes conhecimentos, ou por alguma razão qualquer não se sentiam à vontade para participarem destas aulas, ou seja, “a diferença”, o inferior.

Diante destas prerrogativas resolvemos estudar a Ginástica, pois neste momento entendemos que esta manifestação nos permitiria explorar conteúdos de ensino mais favoráveis à justiça curricular (equilibrar o currículo), com vistas à equidade social. Nossas

preocupações apontavam para a proposta de uma ação coletiva que possibilitasse o surgimento do hibridismo existente nos diferentes grupos, principalmente por meio da escolha de uma manifestação que rompesse com a prática monocultural arraigada no currículo de Educação Física desta escola.

É interessante destacar também que, a ginástica possuía grande representação junto aos alunos, pois em quase todas as categorias descritas na tabela, surgiram falas que de alguma forma remetia-se a esta manifestação. Pouco a pouco, a lista anotada na lousa ampliou-se com as contribuições de todos alunos. Alguns depoimentos em relação à prática de ginástica chamaram atenção, sobretudo, pelo fato de eu ser morador da região e conhecê-los de perto. Ocorre que muitos comentaram o fato das pessoas utilizarem o canteiro central da principal avenida do bairro (Avenida Imperador) para a prática da caminhada e da corrida, principalmente nos períodos da manhã, final da tarde e noite.

Diante destas informações, percebemos que as representações dos alunos em relação às atividades de corrida e caminhada, também se associavam de alguma forma ao conceito de ginástica. Isso nos levou a ampliar o mapeamento inicial, solicitando aos alunos que respondessem as seguintes questões:

- 1) quais são os “tipos” de ginástica que ocorrem no bairro?
- 2) em quais locais elas ocorrem?
- 3) quais são as facilidades e dificuldades para sua prática?

Visando responder estes questionamentos, os alunos realizaram uma entrevista com seus pais ou vizinhos mais velhos. Para tanto, o grupo produziu um questionário a fim de facilitar a coleta destas informações:

- 1) Quais tipos de ginástica acontece em seu bairro ou nas proximidades?
- 2) Quem participa destas atividades e onde elas acontecem (na rua, associações, escola, igrejas, academias, parques, etc.)?
- 3) Existe a oferta deste serviço de forma gratuita? Os locais são de fácil acesso? As entidades particulares praticam preços acessíveis?
- 4) É necessária roupa específica ou pode ser praticado com qualquer roupa?
- 5) Você participa de alguma atividade com esta característica? Se sim, poderia vir até a escola contar para os alunos sua experiência? Se não, porque?

Cabe ressaltar que o projeto “Um Passeio Cultural pela Ginástica”. foi desenvolvido com os alunos e alunas do sexto ano do ensino fundamental, em três turmas, tendo como duração 60 aulas (um semestre). As respostas evidenciaram grande participação dos membros da comunidade nas atividades de caminhada, corrida e ginástica de academia. Este percurso ocorreu em 6 aulas (duas semanas), todas as aulas foram realizadas em sala, rompendo com a associação, quase direta, entre nossa atuação docente e o ensino da Educação Física como reduzido ao ambiente da quadra poliesportiva. É lógico que houve várias resistências, e nossa atuação sempre foi na direção de reforçar junto aos alunos a intencionalidade das aulas e do projeto que havíamos combinado coletivamente. Reforçamos também a idéia de que aprender, nem sempre é tarefa agradável e lúdica, rompendo com a idéia recorrente que limita os objetivos da Educação Física ao entretenimento e recreação dos alunos.

Percebemos que seria importante partirmos das vivências de corrida e caminhada, considerando a forte ligação de identidade destas manifestações com a ginástica dos alunos. Iniciamos com vivências de caminhada e corridas no espaço interno da escola, as atividades ocorreram da seguinte forma:

- * De acordo com as possibilidades individuais os alunos se movimentaram na caminhada e na corrida da maneira que se sentiam melhor (caminhar e correr livremente);

- * Em outras oportunidades alternamos o percurso e o ritmo. Sempre solicitando aos alunos que ficassem atentos à suas sensações durante a realização das vivências;

A ligação que levava os alunos a interpretar as manifestações de corrida e caminhada como ginástica persistiram. Pudemos inferir que estas representações também estão ligadas a uma visão institucional de ginástica veiculada na mídia, onde tudo parece ser ginástica, inclusive caminhar e correr. Na difusão contemporânea da busca da qualidade de vida, nos deparamos com os telejornais, novela e programas esportivos na defesa aberta e incondicional da cultura do “mexa-se”, faça exercícios, corra, caminhe ou simplesmente “Faça ginástica” e melhore sua saúde. Este discurso também é decorrente de um posicionamento dominante da ciência em nossa sociedade, estudos são utilizados o tempo

todo para a validação destes pressupostos. Isso cria um certo corpo de verdade, difícil de ser questionado, considerando o senso comum.

Enxergamos a necessidade de elucidar esta questão. Selecionamos dois textos na Internet e levamos para sala de aula para leitura, reflexão e discussão dos alunos. Um trazia os fundamentos básicos do método de Kenneth Cooper, a respeito da importância da prática da corrida e da caminhada como fatores promotores da boa saúde. Outro fazia um contra ponto, era um artigo acadêmico que trazia a história das corridas nas tribos dos Índios Canelas no Maranhão. A experiência foi significativa, tanto para esclarecer as diferenças entre estas práticas e a ginástica, como para ampliar o olhar dos alunos em relação às representações diversas que uma dada manifestação cultural pode ter em contextos diferentes.

Neste exercício, a leitura foi realizada de forma compartilhada com toda a sala, durante a leitura os pontos mais importantes, polêmicos ou de maior complexidade para o entendimento, foram levantados pelos alunos e anotados no quadro pelo professor, para posterior discussão.

O encaminhamento seguinte foi elaborar algumas questões que possibilitassem aos alunos estabelecerem relações, divergências, significados e as diferenças de contextos em que cada prática ocorria. Os textos e, as questões enunciadas acima foram trabalhadas separadamente. Primeiramente, desenvolvemos o texto sobre o método de Kenneth Cooper com base no desenvolvimento da boa saúde. Este texto afirmava a visão de uma boa saúde com base nos pressupostos dominantes ocidentais e, estão diretamente associados a uma rede mais ampla de naturalização de certos jeitos de ser, de se comportar, de se alimentar e de dar e fazer aulas de Educação Física.

Para facilitar a compreensão o texto foi dividido em dois volumes, uma introdução e uma segunda parte mais técnica. Com base no texto as seguintes questões foram levantadas:
Primeiro texto

- 1) Porque as pessoas caminham e correm? Onde costumam realizar estas práticas?
- 2) As atividades de caminhada e corrida visam desenvolver no praticante a qualidade de resistência. Como Barbanti explica esta capacidade? Para que serve a resistência em nosso dia a dia?

- 3) O que é necessário para se ter boa saúde?
- 4) Entrevistar uma pessoa adulta que você conhece que pratica estas atividades e perguntar a ela: a) o que a levou a praticar? b) onde ela faz isso? c) o que espera atingir? d) onde conseguiu estas informações? Iniciar colocando o nome da pessoa e sua idade.

Após a análise das respostas dos alunos, pudemos constatar que eles entenderam as idéias centrais do texto, que apresentava como foco o desenvolvimento da qualidade física – resistência e, a manutenção da boa saúde, por meio das atividades físicas de baixa intensidade, praticadas regularmente.

Aproveitamos para vivenciar uma prática com base nestes pressupostos, montamos três triângulos com cones, cada cone equidistante 15 metros um do outro, realizamos o teste dos 15 minutos. Cada grupo de aproximadamente 13 alunos (meninos e meninas), tinha que correr num ritmo lento, porém constante durante os 10 minutos, àqueles que não conseguiram chegar ao final, anotavam o tempo em que pararam e como estavam se sentindo, o compromisso era tentar identificar porque pararam.

Os alunos que chegavam ao final da atividade procediam da mesma forma. Em outra oportunidade, estabelecemos os grupos de corredores e os grupos de suporte, enquanto alguns alunos corriam o mesmo percurso, outros alunos acompanhavam atentamente o tempo percorrido e anotavam suas impressões (diminuição ou aumento de ritmo, transpiração, respiração tranquila ou ofegante, etc.), ao final do teste os acompanhantes aferiam os batimentos cardíacos dos corredores. A técnica de aferição já havia sido vista em outro momento.

Ao final das aulas, realizávamos as considerações gerais e abríamos espaço para as questões individuais, visando fomentar as aulas posteriores, esta dinâmica foi um marco constante no desenvolvimento do projeto.

Segundo Texto

- 1) Quais fatores favoreceram a divulgação do método de Kenneth Cooper no Brasil?
- 2) Neste sistema de atividade física o que vem a ser um exercício aeróbico?

- 3) Dos exercícios recomendados por Cooper, quais você pratica, em que lugar e quantas vezes por semana?
- 4) De acordo com o texto em quantas partes está dividido o método de Cooper? Quais são elas? Quando você brinca destas atividades com seus colegas como ela acontece?

Os alunos puderam perceber que muitas das atividades descritas neste método, objetivando a melhoria da condição aeróbica das pessoas já eram praticadas por eles, cotidianamente. Estabeleceram relações das práticas desenvolvidas na rua com as divisões propostas por Cooper, considerando estes fatos puderam inferir que “na rua as brincadeiras rolam soltas, não têm essa de fases”. Eles começam e terminam as brincadeiras sem nenhuma sistematização, simplesmente brincam. Os alunos propuseram uma caminhada na Avenida Imperador (local emblemático no bairro, quando falamos de caminhada), porém, a Direção da escola alegando questões de segurança, não autorizou a vivência. Entendemos que as vivências desenvolvidas na escola conseguiram aproximar os alunos das manifestações de corrida e caminhada, esta foi a forma possível de ressignificar as manifestações em questão.

Na segunda etapa, tencionando o contra ponto desta visão trouxemos um texto que abordava o significado da corrida, na tribo dos Índios Canela no Maranhão. As questões foram as seguintes:

- 1) Ao contrário do método de Cooper a corrida analisada culturalmente possui outros significados. De acordo com o texto quais são eles?
- 2) De acordo com o texto qual seria supostamente a primeira atividade física praticada no Maranhão? Como ela é realizada?
- 3) Como vimos anteriormente o método de Cooper foi bastante divulgado no Brasil, inclusive nas escolas. Porque até hoje não ouvimos falar a respeito da corrida dos Índios Canelas?
- 4) Na sua rua existe alguma forma de brincar de correr que não é realizada na escola? Qual é a atividade e explique como ela ocorre.

Estabelecer esta relação entre os textos se constituiu em um importante exercício de reflexão. Ao solicitar aos alunos e alunas que socializassem suas respostas, obtivemos as seguintes considerações em relação à questão número 1:

“Um estimula a saúde e o outro só têm valores sociais”. (Marcelo)

“É que o Cooper desenvolvia e fortalecia a sobrevivência, mais a corrida indígena corria para o desenvolvimento de seu povo”. (Ana Carolina)

“A corrida sempre esteve em primeiro lugar como sobrevivência, essa cultura representa valores e normas sociais”. (Beatriz)

Em relação à questão número 3:

“Não vinherão a escolas por que é uma questão de população, por que os índios não trouxeram sua idéia para a escola por que eles são índios”. (Davi)

“Não por que a tática dentro da escola é sobre o homem branco”. (Gecivaldo)

Este texto trazia outros significados da prática da corrida, diferentemente da boa saúde, os objetivos dos índios Canelas remetiam a manifestação da sua cultura e a celebração de um ritual, com isso os alunos puderam refletir e colocar em xeque algumas verdades naturalizadas. Esta atividade possibilitou de alguma forma a desconstrução de algumas identidades, até então verdades inquestionáveis para os alunos, abrindo possibilidades de reconhecimento e construção das diferenças, ao mesmo tempo em que se firmavam em suas representações, novas identidades. Os depoimentos dos alunos transcritos acima mostram que após as atividades desenvolvidas, eles ampliaram suas possibilidades de interpretação, na afirmação “Não por que a tática dentro da escola é sobre o homem branco” percebemos que a interpretação do aluno, compartilhada com o grupo e com o professor, está para além da simples leitura da prática. Ao mesmo tempo, os alunos reconheceram a importância de fatores relevantes em ambas práticas, o que nos remete a pensar que o conhecimento forjado não estabeleceu nenhum juízo de valor entre as diferentes formas de correr e seus objetivos ou intenções. O que de fato ocorreu, é que um novo conhecimento nasceu para àqueles que vivenciaram as diferentes experiências, dando origem a um novo conhecimento, uma prática hibridizada.

Entendemos que esta primeira etapa do projeto foi relevante para aproximar os alunos e alunas, das relações de poder que permeiam a sociedade e a escola. Nos esforçamos para elucidar que vivemos numa sociedade multicultural, onde as diferenças são diversas e, devem ser respeitadas e valorizadas cada uma dentro da sua singularidade. Destacamos que os espaços que proporcionaram vivências diversificadas se constituíram em uma ferramenta pedagógica relevante para o entendimento dos alunos, bem como, como um ambiente problematizador, sem o qual não teria sido possível avançar no processo de ensino e aprendizagem proposto.

Com isso, chamamos atenção para um discurso um tanto cínico que tenta dissociar as vivências das aulas de Educação Física, conforme comentamos anteriormente, nosso pressuposto primeiro, nos indica que as temáticas a serem desenvolvidas nas aulas surgem a partir das práticas sociais dos alunos, logo, as vivências tornam-se imprescindíveis, não como um fim em si mesmas, nem como um projeto definido a priori. Mas, como algo vivo que vai dando e ganhando sentido dentro do fazer coletivo em sala de aula.

É engraçado perceber que diante da correria do desenvolvimento das aulas, começa uma turma, entra outra, sai de uma escola, corre para o segundo emprego, ficamos envolvidos no trabalho administrativo, revisão dos registros no diário de campo, preenchimento dos diários de classe, planos pra entregar, reuniões, encontros de formação, leituras pra fazer, compromissos familiares e pessoais. Enfim, diante desta miscelânea de atividades, invariavelmente nem sempre lembramos de tudo que é importante no decorrer da aula.

Numa noite, após chegar em casa fui rever minhas anotações e os registros dos alunos, certas frases dos alunos e algumas anotações minhas me trouxeram uma certa inquietação, me remetendo aos seguintes questionamentos:

- a) como poderemos ampliar as possibilidades de leitura e escrita dos gestos e de mundo dos alunos a partir da manifestação cultural ginástica?
- b) de que forma esta manifestação poderá nos possibilitar estreitar relações com a comunidade?

Estas questões me fizeram rever o combinado prévio com os alunos, isso nos possibilitou estabelecer conjuntamente alguns objetivos para nortear os trabalhos. Devo ressaltar que os objetivos descritos abaixo não surgiram num planejamento prévio, muito

menos todos ao mesmo tempo. Esta relação é uma escolha didática para facilitar a organização e a leitura do trabalho. Como nota, é importante destacar que as situações e problematizações do percurso é que nos foram permitindo a formulação de cada um dos objetivos relacionados.

Segue abaixo nossos encaminhamentos:

- Vivenciar e interpretar o maior número possível de manifestações corporais presentes no universo cultural da ginástica, dentro das possibilidades do grupo;
- Contemplar as manifestações do universo cultural da ginástica, atribuindo-lhes valores estéticos;
- Validar a escola, bem como as aulas de Educação Física, como espaço de participação coletiva, visando à produção cultural e a transformação social;
- Ampliar a percepção sobre si e sobre o outro, possibilitando uma gestualidade mais autônoma, solidária e coletiva;
- Compreender, criar e adaptar tanto a forma quanto o conteúdo das manifestações da cultura da ginástica, recorrendo ao pré-requisito de participação equitativa de todos os componentes do grupo e classe;
- Planejar e sistematizar práticas corporais preservando seu sentido lúdico, adaptando-as conforme as necessidades do grupo;
- Promover produções textuais, colaborando com o desenvolvimento da competência leitora e escritora dos alunos, considerando os gestos e a linguagem como elementos centrais desta ação;
- Promover a participação dos familiares (pais, mães, avós, etc.), capacitando e envolvendo a comunidade próxima com vistas à transformação social.

Indo adiante com as proposições do projeto, esbarramos em um movimento de forte resistência por parte dos alunos. Após o exercício do mapeamento e o trabalho com a corrida e a caminhada, ao serem informados que a manifestação cultural esporte (leia-se futebol) não seria tematizada naquele semestre e, que continuaríamos com a ginástica, alguns alunos (àqueles que possuem status de liderança no grupo) posicionou-se contra, alegando “que Educação Física sem futebol não tava com nada”, entre outras tantas frases

similares. Esta situação, nos alerta para o fato de que propor uma tentativa de mudança não se traduz em tarefa fácil, muito pelo contrário. Temos que nos lembrar sempre que as identidades dos alunos que se manifestam nas aulas foram construídas dentro de um processo histórico contínuo e complexo, não é só mudar a abordagem ou as estratégias de aula que tudo muda. É necessário insistirmos na mudança com muito empenho, tenacidade e dedicação. Cabe fazer um destaque ao estudo permanente a que temos que nos dedicar, percursos diferentes em cada turma, roteiros de trabalho diversificado. Em suma, um volume maior de trabalho, tanto durante as aulas, como em sua organização e acompanhamento de processos e avaliação.

Após muitas discussões, intervimos com vistas a esclarecer aos alunos o que era Projeto Pedagógico e currículo. Durante a plenária, percebemos que a grande maioria desconhecia o significado dos termos, evidenciando que estas questões tão importantes são monopólios de professores e especialistas. Portanto, resolvemos que esse entendimento era vital ao desenvolvimento do trabalho pedagógico proposto. Após os esclarecimentos, voltamos para a listagem gerada na sala de aula e perguntamos quais das atividades relacionadas poderiam ser praticadas na escola. A maioria dos registros revelou a ginástica artística. Em função da ênfase e divulgação midiática acerca dos Jogos Olímpicos da China, entendemos que este poderia ser um bom início para nossa temática.

Após as considerações em sala de aula e o posicionamento dos alunos e alunas em roda de conversa, organizamos grupos para vivenciar algumas práticas com os aparelhos ginásticos disponíveis na escola. Diante disso, os aparelhos foram dispostos na quadra e cada grupo pôde, a princípio, experimentar alguns movimentos da maneira mais adequada às possibilidades pessoais. Destacamos que não realizamos nenhuma orientação ou indicação de um modelo a ser seguido. As práticas sempre eram precedidas de um planejamento do grupo (conversa/combinado). Eles transcreviam em um plano as possibilidades de utilização de cada aparelho. Ao finalizar a atividade, o grupo também registrava as facilidades e dificuldades encontradas, as estratégias de organização do grupo, entre outras questões. As avaliações registradas fomentaram as próximas aulas. Por meio das análises, comparações e avaliações realizadas nas aulas, os alunos perceberam que

existiam formas de realização que estão para além das padronizadas institucionalmente na modalidade de competição.

Tencionando aprofundar o conhecimento a respeito desta manifestação, marcamos um dia na sala de vídeo para assistirmos uma gravação feita pelo professor com momentos desta modalidade no Pan-americano do Rio, ao final da exposição do vídeo, o espaço ficou aberto para comparações com a prática da escola, reinterpretações dos movimentos e novos encaminhamentos que permitisse ao grupo entender melhor a dinâmica desta categoria da ginástica. Combinamos que na próxima aula o professor levaria um texto para leitura, interpretação e reflexão do grupo. Isso de fato ocorreu, o texto baixado na Internet trazia a história e os conceitos da ginástica de forma mais ampla, não se limitava à Ginástica Artística, permitindo aos alunos ampliarem sua compreensão a cerca desta manifestação. A leitura foi realizada em trios produtivos (alunos com mais facilidade de leitura contribui com os colegas com maiores dificuldades) e, ao final da leitura havia alguns itens que os alunos deveriam destacar com base no texto.

Nesta ocasião as seguintes questões foram levantadas:

- 1) Quais tipos de ginástica existe citada no corpo do texto?
- 2) Quais destas atividades é possível fazermos na escola? Quais não são? Porque?
- 3) Cite três aparelhos da Ginástica Artística e dois atletas do brasileiros masculino ou feminino que você conhece.
- 4) É possível montar uma seqüência de Ginástica na escola? Como faríamos para organizar esta atividade?

As respostas evidenciaram um entendimento razoável do texto, as questões de localização foram identificadas pelos alunos, as de interpretação contaram com considerações via de regra interessantes e, as de reflexão contribuíram com a seqüência do trabalho. Segue abaixo alguns posicionamentos dos alunos, de acordo com o destaque do professor:

As considerações mais interessantes ao desenvolvimento do projeto referem-se a questão número 4:

“Sim é possível monta a escrita ajuda” (Viviane)

“Sim, montando em grupos, decidir o figurino, o CD, a dança, o penteado e quantas pessoas podiam ficar no grupo”. (Luiz Paulo)

“Sim, fazer em grupo, montar uma coreografia, ensaio combinação acordo”. (Natyelle)

“Sim, temos que organizar o local, roupa e o grupo”. (Yone)

“Sim, se dividir os grupos, escolher um musical, ensaiar, fazendo a combinação de movimentos e preparar o local onde vai ser a ginástica”. (Wesley)

“Sim, ginástica no solo e trampolim da para fazer cambalhota e mortal”. (Alexandre)

Com base nas proposições desencadeadas a partir do texto baixado da Internet, resolvemos que, como trabalho final do projeto, os alunos, distribuídos em grupos deveriam apresentar um trabalho final sobre ginástica, poderia ser uma coreografia, um relato, uma poesia ou outras linguagens, desde que de alguma forma dialogasse com os estudos realizados no decorrer do curso. Durante o desenrolar do projeto, outras atividades surgiram. Constantemente, os alunos informavam e demonstravam movimentos de outras práticas como a capoeira, a dança e outras artes marciais para compor suas seqüências ginásticas. Este aspecto indica que as pessoas reinventam as práticas com base em suas experiências aprendidas no mundo.

Sistematicamente ao final das aulas, o redator de cada grupo anotava as questões pertinentes a serem discutidas e problematizadas, mesmo porque estas contribuições seriam de grande valia na elaboração do trabalho final, independente do formato escolhido pelo grupo para apresentação. Estas anotações contribuía para o início das próximas aulas. Diante destas discussões surgiram falas que identificavam que a ginástica também acontecia no circo. A partir disso, iniciamos uma investigação para compreender como esta manifestação ocorria neste espaço. Aproveitamos um texto que baixamos da Internet e as representações iniciais dos alunos para iniciar o contato com o universo do circo e suas ligações com a ginástica.

O texto em questão trazia um resumo da história do circo no Brasil e as principais atividades que se relacionam com a ginástica, como as acrobacias, o contorcionismo, o

equilíbrio, entre outras. A leitura foi realizada em casa com auxílio dos familiares mais velhos. Após a leitura os alunos tinham um roteiro de estudos sobre os pontos importantes que deveriam ser destacados do texto. Esta atividade foi retomada em grupos na sala de aula em formato de apresentação, os grupos iam se complementando dentro desta proposta.

No mesmo formato das aulas em que vivenciaram e debateram aspectos relativos à ginástica artística, os alunos experimentaram algumas práticas circenses conforme as possibilidades pessoais e do ambiente escolar. Assim, o trabalho desenvolveu-se mediante as discussões e os registros que os grupos faziam no decorrer das aulas. Esta ação culminou com a ampliação dos conhecimentos a cerca da manifestação escolhida. Para tal, realizamos uma visita ao Circo Escola (distante aproximadamente 4 Km da unidade escolar). Naquele momento os alunos acompanhados por instrutores do circo escola, experimentaram alguns equipamentos não disponíveis na escola, como a cama elástica, o tecido e o trampolim. Assistiram, também, as apresentações de jovens semiprofissionais formados nesta escola. Esta atividade aproximou os alunos das leituras e representações tidas como oficiais desta prática cultural, aprofundando e ampliando seus conhecimentos a respeito da mesma.

Como um dos pontos destacados no Projeto Pedagógico da escola era a aproximação com a comunidade, nesta ocasião da visita ao circo escola solicitamos aos alunos que, além de redigirem a solicitação do passeio para ser encaminhada à direção da escola e o ofício ao circo escola, fizessem um convite aos pais para uma reunião. O tema central era a informação a respeito da realização do projeto ginástica na escola e convidá-los para participarem conosco do passeio ao circo, visto que faríamos o percurso a pé. Tencionando uma maior adesão dos pais ao passeio e imbuídos de informá-los da melhor maneira possível, agendamos uma reunião com os responsáveis de todos os alunos e alunas. A notícia foi bem recebida e houve uma aceitação unânime dos pais em relação à proposta e uma adesão razoável para participar da mesma. O fato de ter os pais caminhando junto conosco, interagindo na atividade pedagógica presencialmente, nos proporcionou momentos de grande realização e reconhecimento.

No encerramento do projeto, os alunos criaram convites para a Mostra de Ginástica que decidiram realizar. Posteriormente, os entregaram aos pais, professores, equipe de

gestão e apoio e supervisão de ensino. Os depoimentos dos participantes foram relevantes e estabeleceu uma relação diferente entre os pais, o professor e o componente Educação Física.

Os alunos realizaram uma mostra de ginástica ao final do projeto, contando com produções diversificadas, inclusive poesias e relatos de participação. Como nota, cabe ressaltar que o objetivo desta proposta era divulgar a produção dos alunos referente ao estudo e análise da manifestação cultural ginástica. A performance não figurou, em nenhum momento, como objeto de análise, mesmo porque outras linguagens foram utilizadas na apresentação dos trabalhos.

Chamamos atenção para a construção coletiva, onde a diversidade de cultura e saberes puderam se manifestar com igual valor e importância, compondo uma prática híbrida. Muitas vozes trouxeram para o debate sua visão e experiência, sendo valorizadas por aquilo que são de fato, e não pelo que “alguém” gostaria que elas fossem. Conjuntamente com os alunos e alunas, atuamos numa perspectiva social democrática, difundindo os valores coletivos e o bem comum como um objetivo a ser alcançado por todos. Entendemos que todo o processo de vivência das diferentes ginásticas, bem como a construção das apresentações valorizaram as produções dos alunos, que trouxeram diferentes representações, contribuindo com a desconstrução da identidade da ginástica institucionalizada, criando um significado de valor para a ginástica produzida por eles, dentro das possibilidades de cada indivíduo e principalmente das possibilidades dos diferentes grupos.

Não existiu um modelo a ser seguido, o espaço ficou aberto para considerar como certa todas as proposições que surgiram, problematizando, questionando, pesquisando e principalmente praticando e dialogando com base nesta prática, como podemos atuar juntos em direção a uma Educação Física mais significativa e justa para com as necessidades dos nossos diferentes alunos e alunas?

Ao término do trabalho, em conversa com os alunos, avaliamos que os conhecimentos a respeito da manifestação ginástica foram ampliados, assim como a noção de que as pessoas são diferentes e que isso não significa ser nem melhor nem pior. Os

alunos com mais facilidades em determinadas práticas contribuíram com os colegas no grupo, percebendo que não estava em questão uma performance individual, mas, sim, a valorização do trabalho coletivo e da compreensão de temas relacionados à manifestação. Notamos que os alunos, de uma forma geral, conseguiram superar leituras simplificadas e superficiais acerca da temática ginástica, pois compreenderam elementos desta prática corporal que antes não eram notados. Todavia, sentimos que os alunos ainda não conseguem estabelecer relações entre estes sentidos e os significados da manifestação corporal no seu cotidiano e no contexto social mais amplo.

Consideramos interessante destacar que o trabalho teve início com as práticas de corrida e caminhada. Este fato merece destaque, pois aponta as representações que os alunos possuíam da ginástica naquele momento. Os alunos também produziram muitas atividades de leitura, escrita e reflexão, o que indica outras possibilidades didáticas para as aulas de Educação Física. Entendemos que o projeto proporcionou aos alunos uma ampliação significativa da manifestação tematizada e, sobretudo do valor do trabalho coletivo e a ampliação da participação da comunidade, fatores enfatizados no projeto pedagógico da unidade.

Os registros fotográficos de todo o processo foram sistematizados em uma apresentação de power point e posteriormente apresentadas aos alunos. Foi muito interessante perceber o clima de realização que tomou conta dos alunos no momento em que se viam e relembavam cada momento que a fotografia resgatava. Era inevitável o resgate de fatos peculiares de cada momento, presentes apenas na lembrança de quem viveu aquela situação.

Outra observação interessante, diz respeito à tensão que se estabeleceu com os alunos em função da quebra de paradigma que esta proposta apresentava. Refiro-me ao fato de não ter optado pelo esporte (futebol) como elemento a ser discutido ou simplesmente praticado neste semestre. Aos poucos, o que era tensão passou a ser resistência e, rapidamente transformou-se em curiosidade. Enquanto no início do trabalho meus alunos ficavam postados no alambrado observando a prática do futebol, que ocorria na quadra ao lado de forma “livre”, com o decorrer das aulas, lentamente, eles foram inserindo-se nas

proposições apresentadas nas aulas. Em uma das aulas, fiquei surpreso ao perceber que o futebol tão “famoso” entre os alunos, cedeu lugar para a curiosidade. Agora, era o grupo do futebol “livre” que se aglomerava na grade de separação das quadras, para nos observar. Um dos alunos não se conteve e veio conversar comigo: “E aí professor como agente faz pra fazer esta aula?”. Prontamente, respondi à sua indagação lhe dizendo que a vivência era apenas uma etapa do trabalho. Logo, não seria possível que um grupo que estivesse fora do contexto mais amplo desta produção, que contava com atividades prévias de mapeamento, leituras, entrevistas, pesquisas, etc, participassem desta etapa. Sugeri que conversassem com sua professora, para que juntos, elaborassem uma prática nesta direção. Esta passagem nos permite inferir que os alunos e alunas anseiam por aprender, se interessam por práticas pedagógicas que os desafiam, portanto, mais uma vez questionamos a máxima que insiste em dizer que os alunos só querem jogar futebol.

Esclarecemos que a organização do projeto conforme segue, não se traduz em seu desenvolvimento na íntegra, pois as fases e articulações possuem um desenvolvimento diferenciado em cada sala, ou seja, não ocorre de forma linear e homogênea. Assim sendo, não existe tamanha previsibilidade, o esquema apresentado nos serve de roteiro para tentarmos sistematizar e acompanhar as ações pedagógicas desenvolvidas ao longo de um semestre com estas turmas especificamente.